

Indiscipline in the School Environment: Causes, Consequences, and Perspectives for Intervention

*Maria Zélia da Silva Siqueira¹;
Martha Maria Macedo Bezerra²*

Abstract: The general objective of this study was to analyze the problem of indiscipline in schools, delving into its causes and seeking solutions. The methodology consisted of an exploratory, descriptive, quantitative field study conducted in a public school in the municipality of Trindade-PE. The sample consisted of 6 teachers who work with students in regular high school and adult education programs (EJA) for regular high school. Data were collected using a questionnaire with six questions. The results demonstrated that indiscipline manifests itself in different ways, and that good behavior is not always a sign of discipline. Indiscipline extends beyond the student-teacher relationship, causing harm to the family, the school, the student, and society.

Keywords: Education; Indiscipline; School discipline; Educator, Student.

A Indisciplina no Ambiente Escolar: Causas, Consequências e Perspectivas de Intervenção

Resumo: O presente estudo teve como objetivo geral analisar o problema da indisciplina na escola, aprofundando-se nas causas e na busca de soluções. A metodologia constou de um estudo de campo, exploratório, descritivo, quantitativo, realizado em escola estadual no município de Trindade-PE. A amostra constou de 06 professores que atuam com alunos do Ensino Médio Regular e EJA Médio Regular. Os dados foram coletados à partir de um questionário com 06 perguntas para um cada deles. Os resultados demonstraram que a indisciplina se traduz de diferentes maneiras, e que, um bom comportamento nem sempre é sinal de disciplina. A indisciplina extrapola as relações entre educando e educador, causando prejuízos a família, a escola, ao aluno e a sociedade.

Palavras-chave: Educação; Indisciplina; Disciplina escolar; Educador, Aluno.

¹ Graduação em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco (UPE), Brasil. Servidora pública municipal, efetiva, concursada na função de professora, lotada na sede da Secretaria Municipal de Educação de Trindade - PE, Brasil. Doutorado em Ciências da Educação pela Absoulute Cristian University, Flórida, EUA. E-mail: mariazeliasilvasiqueira@gmail.com;

² Mestrado em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutorado em Saúde Coletiva pela Faculdade de Medicina do ABC (FMABC), São Paulo, Brasil. Orcid: 0000-0002-6664-4517. marthamacedo2016@gmail.com.

Introdução

O conceito de indisciplina é susceptível de múltiplas interpretações. Um aluno ou professor indisciplinado é, em princípio, alguém que possui um comportamento desviante em relação a uma norma, explícita ou implícita, sancionada em termos escolares e sociais. Estes desvios são, todavia, denominados de forma diferente conforme se trate de alunos ou de professores. Os primeiros são apelidados de indisciplinados, os segundos de incompetentes.

A indisciplina pode implicar violência, mas não é necessário que esta ocorra. É neste sentido que alguns autores distinguem vários níveis de indisciplina, tais como perturbação, conflitos e vandalismo. A perturbação pode afetar o funcionamento das aulas ou mesmo da escola. Os conflitos podem afetar as relações formais e informais entre os alunos, podendo atingir alguma agressividade e violência, envolvendo por vezes atos de extorsão, violência física ou verbal, roubo, vandalismo etc. Além disso, os conflitos podem afetar, também, a relação professor/aluno, colocando em causa a autoridade e o estatuto do professor. Já o vandalismo contra a instituição escolar procura, muitas vezes, atingir tudo aquilo que ela significa.

A escolha do assunto partiu da observação do cotidiano escolar e das inúmeras queixas dos profissionais de uma escola localizada no município de Trindade-PE, ressaltando sobre a necessidade de estudar o problema, a fim de buscar conhecimentos e possíveis intervenções para a efetivação do ensino e da aprendizagem.

A problematização não é nova, porém, nos dias atuais, está ganhando uma dimensão até então não vivenciada nas escolas. Percebe-se que muitos professores acabam até desencadeando um processo de stress, frente à tamanha dificuldade que têm para conviver, administrar e criar alternativas de intervenção que possam ajudá-los a contornar situações dilemáticas com alunos indisciplinados. Neste sentido, há uma cobrança do corpo docente para que a direção ou a coordenação pedagógica atue com rigor com esses alunos.

O estudo teve como objetivo geral analisar o problema da indisciplina na escola, aprofundando-se nas causas e na busca de soluções para este mal, que também tem contribuído para o baixo rendimento escolar.

A indisciplina no contexto escolar é um dos temas que preocupa gestores, professores, técnicos, pais e alunos de diferentes escolas brasileiras. Entretanto, apesar desta temática constitui-se objeto de inquietação no meio educacional é, de modo geral, superficialmente discutido.

Observando-se a realidade, pode-se perceber o quanto é importante e necessário valorizar e investir na formação do aluno. Dessa forma, cada instituição, ou seja, a família e a escola, dentro das suas limitações, devem procurar a melhor forma de educar o aluno para viver na sociedade. Muitas vezes, depara-se com pais que não conseguem impor limites em seus filhos e tal fato vai para a escola, passando a ser um problema para o professor. Devido a isso, é de extrema importância que o professor conheça e saiba como lidar com a indisciplina, assim como as demais pessoas envolvidas no ambiente escolar.

Conceituando a indisciplina na escola

Ao investigar o conceito de indisciplina escolar apresentado por diferentes autores é possível observar uma diversidade de conceituações acerca desse tema. Para explicitar essa diversidade, será apresentado o posicionamento de alguns estudiosos que tratam da indisciplina escolar.

La Taille (1996, p. 56) analisa que (...) “as crianças precisam sim aderir a regras e estas somente pode vir de seus educadores, pais ou professores”. Os “limites” implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não poderia ser feito ou ultrapassado.

Dos fatores que são elencados como possíveis causadores de manifestações de indisciplina no contexto escolar estão: a perda de autoridade do professor, tanto no que se refere ao conhecimento, quanto à postura em sala de aula. Ao longo dos últimos anos, verificamos que muitos professores foram destituídos de seu lugar de “autoridade de sabe”.

Estão desqualificados, desatualizados, desmotivados. Utilizam procedimentos metodológicos que desafiam os alunos a pensar, a construir conhecimentos. Em consequência, aulas pouco atrativas, que não estimulam a participação dos alunos. Sabe-se que o processo do aprender demanda a colocação do aluno no papel ativo, mesmo quando houve atenção a alguém que fala ou nas atividades que estar fazendo. A prática pedagógica do professor deve promover desequilíbrios cognitivos no aluno, fazendo com que as iniciativas que são tomadas por este buscando a retomada do equilíbrio se revertam em estímulos para aprender, para participar do processo. Assim, temos um aluno que está envolvido nas atividades propostas e não se coloca fora delas, dando margem a manifestações de indisciplina (Drucket, 2000).

Os fatores que foram citados estão diretamente ligados ao contexto escolar, entretanto, sabe-se que não estão somente nesta esfera os elementos que promovem a

indisciplina. Há toda uma rede social que circunda a escola: a família, as relações com outros grupos sociais, e que atuam diretamente na construção de modelos, de comportamento a serem imitados, reproduzidos. Além destes aspectos, é importante, novamente, enfatizar que o modo como interpreta a indisciplina (ou a disciplina) acarreta uma série de implicações a prática pedagógica, pois infere não somente nos tipos de interação estabelecidas como os alunos e na definição de critérios para avaliar seus desempenhos na escola, como também no estabelecimento dos objetos que se quer alcançar.

Outro aspecto capaz de influenciar significativamente o processo de educativo, desenvolvido na instituição escolar, diz respeito à visão os diferentes elementos da comunidade escolar sobre as causas da indisciplina. Entendemos que é necessário identificar, principalmente os pressupostos subjacentes às explicações geralmente manifesta pelos educadores, que acabam por revelar, ainda que de maneira implícita, determinadas visões sobre o papel desenvolvimento pela escola (Drucket, 2000, p. 44).

De acordo com Aquino (1996) a indisciplina escolar se configura enquanto um problema interdisciplinar e transversal à pedagogia, pois ela ultrapassa o âmbito estritamente didático-pedagógico, devendo, portanto, ser tratada pelo maior número de áreas das ciências da Educação. Além desse caráter interdisciplinar e transversal, o autor defende a necessidade de um olhar sócio-histórico do fenômeno, pois a escola não pode ser encarada como uma instituição independente e autônoma em relação ao contexto sócio-histórico, ou seja, o que ocorre em seu interior tem articulação aos movimentos exteriores a ela e, as práticas escolares devem ser concebidas como testemunhas e protagonistas das transformações históricas.

No entanto, para Freire (2000, p. 135), existe uma indisciplina específica de caráter pedagógico, “nas quais as características do trabalho pedagógico, o estatuto e os papéis do professor configuram aspectos centrais.”

Uma outra forma de abordar a indisciplina é apresentada por Carvalho (1996), que aponta para a necessidade da explicitação do vínculo entre a noção de disciplina como área do conhecimento e a de disciplina como comportamentos/procedimentos para entendermos os problemas da disciplina e da indisciplina escolar, uma vez que este vínculo é próprio e específico da relação escolar. Além disso, uma noção de disciplina como ordenadora e padronizadora do comportamento recai em uma crença de que exista um único tipo de comportamento disciplinado que se define independentemente do contexto, o que não é verdadeiro.

Estudos realizados em diferentes contextos têm demonstrado que grande parte dos comportamentos observados tidos como indisciplinados se caracterizam pela sua trivialidade,

como por exemplo: rir, fazer os colegas rirem, balançar na cadeira, ficar distraído, não fazer as atividades, entre outros, isto é, a maioria das situações de indisciplina em sala de aula estão relacionadas à comportamentos triviais que prejudicam mais pela sua frequência do que pela sua gravidade (Freire, 2000).

Curwin e Mendler (1983) afirmam que:

A indisciplina - ou problema de disciplina como é denominado por eles - é definida como uma situação na qual as necessidades do grupo (no caso os colegas de sala de aula) e a autoridade (o professor) estão em conflito com as necessidades do indivíduo (o aluno) que faz parte desse grupo, ou seja, é quando uma pessoa se comporta de um modo que satisfaz as suas necessidades e essa conduta impede que o grupo satisfaça as suas. Os autores também colocam que os problemas de disciplina não se produzem no vazio, ao contrário, eles fazem parte de um sistema social em sua totalidade (Curwin e Mendler, 1983, p. 99).

Sob esta perspectiva, a indisciplina se refere às condutas, atitudes, modos de socialização, relacionamentos e desenvolvimentos cognitivos, que demonstram os estudantes, e que tendem a não reproduzir, divergir ou mesmo negar as orientações, expectativas ou oportunidades apresentadas pela escola (Garcia, 2006).

O autor aponta para a necessidade de superação do conceito tradicional da indisciplina como algo restrito apenas à dimensão comportamental, uma vez que existem diversos aspectos psicossociais envolvidos que precisam ser considerados. Um deles refere-se à necessidade de “situar a indisciplina no contexto das condutas dos alunos nas diversas atividades pedagógicas, seja dentro ou fora da sala de aula” (Garcia, 2006).

Também é importante considerar a dimensão dos processos de socialização e relacionamentos que os alunos exercem na escola, e por fim, considerar a indisciplina no contexto de desenvolvimento cognitivo dos mesmos. Essas perspectivas apontam para uma concepção de indisciplina enquanto fenômeno de aprendizagem.

De um lado, é possível situá-la no contexto das condutas dos alunos nas diversas atividades pedagógicas, seja dentro ou fora da sala de aula. Em complemento, deve-se considerar a indisciplina sob a dimensão dos processos de socialização e relacionamentos que os alunos exercem na escola, na relação com seus pares e com os profissionais da educação, no contexto do espaço escolar – com suas atividades pedagógicas, patrimônio, ambiente, etc.

Finalmente, é preciso pensar a indisciplina no contexto do desenvolvimento cognitivo dos estudantes. Sob esta perspectiva, define-se indisciplina como a incongruência entre os critérios e expectativas assumidos pela escola (que supostamente refletem o pensamento da comunidade escolar) em termos de comportamento, atitudes, socialização, relacionamentos e desenvolvimento cognitivo, e aquilo que demonstram os estudantes (Garcia, 2006, p. 102).

Para o autor, ao conceber a indisciplina enquanto fenômeno de aprendizagem, a visão de trabalhar com a mesma a partir de mecanismos de controle comportamentais é superada, uma vez que ela deixa de ser vista como uma anomalia, além de sugerir um trabalho fundamentado em uma perspectiva construtivista no sentido de desenvolver recursos internos nos alunos. Com isso, o aluno considerado indisciplinado não se refere apenas “aquele cujas ações rompem com as regras da escola, mas também aquele que não está desenvolvendo suas próprias possibilidades cognitivas, atitudinais e morais”

Analisando a fundo o problema, vamos encontrar inúmeras causas da manifestação da indisciplina na escola. O mais lastimável é constatar que os alunos são mais vítimas do que responsáveis. A razão de agirem desta maneira deve-se a sociedade, a escola, ao professor e a família (Gadotti, 2002).

Estudos têm evidenciado que o tema indisciplina se apresenta como um dos maiores obstáculos que enfrentam as escolas na sociedade contemporânea, provocando grande angústia nos professores que não sabem mais como lidar com a situação. Entretanto, para enfrentar o problema é necessário entender o que está acontecendo com a disciplina hoje na escola. É certo que uma série de fatores influencia, mas é necessário analisar que os inúmeros determinantes que a influenciam e determinam (Vasconcelos, 1995, p. 25).

Há décadas o problema da indisciplina escolar vem tomando novas e preocupantes proporções. Além disso, a discussão sobre esse assunto já ultrapassou os limites da sala de aula ou os muros da escola para alcançar a imprensa comum.

No entanto, o professor precisa construir em sua sala de aula uma disciplina pura e interativa, onde as crianças tenham consciência do que estão fazendo, precisa utilizar várias estratégias de ensino, criando na sala de aula um ambiente de disciplina, oferecendo aos alunos papéis importantes, ou seja, responsabilidades para que se sintam valorizados, criando aulas diferentes, lúdicas e práticas. Desta forma, os alunos se sentiriam mais seguros nas atividades propostas, diminuindo as “badernas” na sala de aula.

Segundo Vasconcelos (2004, p.13):

A indisciplina na sala de aula e na escola tem sido uma preocupação crescente nos últimos anos entre os educadores. Pesquisas pedagógicas mostram o quanto se perde tempo em sala de aula com questões de disciplina, em detrimento da interação dos alunos com o conhecimento e com a realidade, pois está cada vez mais difícil trabalharmos os conteúdos escolares em sala, visando à produção de conhecimento, pois os alunos acabam se distraindo, atrapalham-se com conversas e barulhos, prejudicando sua aprendizagem.

Desta maneira, é importante se repensar como a comunidade escolar deve-se

trabalhar com alternativas que possam ajudar estes alunos indisciplinados de forma positiva, pois este problema não pode ser tratado de maneira isolada sem uma discussão mais aprofundada sobre o caso.

Formas de mediação

Nossas energias são limitadas; temos que ter uma visão correta do problema para não desperdiçar esforços. Para não cairmos, de um lado, no determinismo, de outro, no idealismo, temos que refletir sobre o que é necessário ser feito? Do que é necessário o que é possível? Adianta investirmos nossas energias numa ação mesmo sabendo que ela não é a mais decisiva? Antes de qualquer coisa, o que seria uma ação mais decisiva? Uma busca de tomada de poder? Uma ação violenta? A história tem mostrado que ações de tomada de poder, ações violentas, quando não representam, de fato, o último recurso de um longo processo de conscientização, não tem efeito duradouro, justamente, por não terem sido acompanhadas de um trabalho educativo. Então, atuar onde é possível, tem sentido, pois:

Prepara, pela acumulação de pequenas práticas renovadas, um salto qualitativo; É educativo: forma a fibra, a determinação, a garra de quem está se comprometendo com a luta. Não se trata de uma visão reformista, pois a perspectiva não é fazer a justes no velho para que ele permaneça; ao contrário, a perspectiva é dar pequenos passos, mas concretos, na nova direção. Como já apontamos, há o risco de cairmos no jogo do "empura – empura": os professores dizem que os responsáveis pela indisciplina em sala são os pais, que culpam os professores e a escola, que culpa o sistema, etc. assim, por exemplo, diz – se que o professor é vítima de uma "engrenagem maior", o que é verdade; não se pode deixar de considerar que o aluno, no entanto, tem sido a maior vítima dessa situação toda: de um lado, vítima da 'engrenagem maior', que tem achatado os salários de seus pais e, de outro lado, vítima de sua 'engrenagem menor' ou seja, a escola (D' Antola, 2001).

Não se trata, pois, de ficar se buscando o "culpado" na verdade justificativas para o mais que perfeito imobilismo. Isto é desgastante e só provoca reações afetivas de ataque e defesa.

Ao contrário, o que vislumbramos é o compromisso de cada setor com suas responsabilidades, dentro de uma visão de totalidade, articulado com os demais, cobrando, inclusive, que cada parte assuma suas respectivas responsabilidades. Não adianta ficar esperando solução "de cima":

As classes dominantes brasileiras e o Estado que as representa já demonstram fartamente a que vieram: não resolver nenhum dos problemas sociais básicos das classes trabalhadoras. (...) Essa constatação aponta para a necessidade dos educadores comprometidos com a educação das classes trabalhadoras e, portanto, com a transformação social, se organizarem para retirar a escola do domínio que as classes dominantes exercem sobre ela e, ao mesmo tempo, cobrar dos discursos oficiais aquilo que até agora só tem ficado no papel (Illich, 1989, p. 34).

Há necessidade da participação, do desenvolvimento de todos no enfrentamento do problema. "Propusermos organizar o próprio sistema de disciplina, envolvendo os pais e os alunos. Não adianta a escola desenvolver toda um trabalho, se não tiver ressonância e continuidade na família. (...) A disciplina na escola tem que ser construída por todos os elementos envolvidos, senão não vai dá frutos positivos" (D' Antola, 2001). O que fazer para propiciar a construção das disciplinas em sala de aula e na escola? Há que se buscar, em cada realidade, qual a forma necessária e possível de ação, articulando todas as frentes de luta (Moraes, 2000).

Metodologia

Trata-se de um estudo de campo, de caráter exploratório, descritivo e quantitativo, desenvolvido em uma escola pública estadual situada no município de Trindade-PE. A instituição oferta as modalidades de Ensino Médio Regular; EJA Médio Regular (1º, 2º e 3º módulos); EJA Campo – Anos Finais (Eixos I, II, III e IV); e EJA Campo – Nível Médio. A escola contém 28 turmas, dividida em 3 turnos, manhã, tarde e noite, o quadro docente é composto por 40 professores, distribuídos entre as modalidades de ensino de acordo com as disciplinas correspondentes às suas áreas de formação. A Escola é composta por uma equipe de 70 funcionários no total.

Segundo Lakatos e Marconi (1990), o estudo exploratório tem como características primordiais fornecer ao pesquisador maiores informações sobre o assunto que se quer investigar; facilitar a delimitação de tema da pesquisa, orientar a definição dos objetivos e a formulação das hipóteses ou ainda promover a descoberta de um novo assunto.

Para Gil (1999) o estudo descritivo, como o próprio nome sugere, descreve aspectos de populações específicas e ainda infere conexões entre variáveis. Neste caso, o estudo descritivo tem por objetivo descrever completamente determinado fenômeno, como, por exemplo, a situação para a qual são realizadas análises empíricas e teóricas.

A amostra constou de 06 professores que atuam com alunos do Ensino Médio. Os

professores receberam um questionário e realizaram-se observações nas turmas envolvidas.

O instrumento de pesquisa foi um questionário não formal, contendo 06 perguntas para os professores com o objetivo de observar o comportamento da indisciplina na sala de aula, a exemplo de: 1. Nas suas aulas, tem indisciplina? Como? 2. O que causa a indisciplina? O que acontece com alunos indisciplinados na escola? 4. Como você acha que poderia ser resolvido o problema da indisciplina? 5. Como são construídas as regras na escola? E na classe? e, 6. A escola e sua forma de organização contribuem para a ocorrência da indisciplina? Contudo, por questões éticas, não serão reveladas suas identidades, sendo utilizados pseudônimos.

Os dados foram organizados numa planilha do tipo Excell e, posteriormente analisados e representados através de gráficos.

Análise e Discussão dos Dados

A escola em estudo conta no ano de 2025, tem 1001, alunos matriculados em turmas que funcionam em três turnos, nos seguintes horários manhã das 7h00 às 12h00; tarde das 13h00 às 18h00 e noite das 18h40 hs às 22h00 horas. Pois, de acordo com a exigência da legislação educacional, a jornada escolar diária do aluno é de no mínimo quatro horas relógio, perfazendo uma carga horária mínima de oitocentas horas anuais distribuídas por um mínimo de 200 dias letivos.

É umas das escolas em destaque no município de Trindade-PE, por oferecer ensino de qualidade, pois dispõe de espaço amplo, com salas espaçosas arejadas, climatizadas as salas de aula, em bom estado de conservação.

“A escola conta com um grêmio estudantil atuante, que viabilizou a implementação de cursos destinado aos estudantes, considerando que a maior parte deles não dispõe de condições financeiras para custear curso particular.”

A escola dispõe de 01 sala para a diretora, 10 salas de aula, 01 sala de vídeo, 01 sala de informática, 01 sala da coordenação, 01 sala de professores com armários para os professores, 01 banheiro feminino e 01 masculino para os funcionários, 01 almoxarifado para guardar material escolar e 01 almoxarifado para guardar material de limpeza, 01 secretaria, 01 cantina, 01 dispensa para guardar a merenda, 01 pátio, 01 quadra sem cobertura e 01

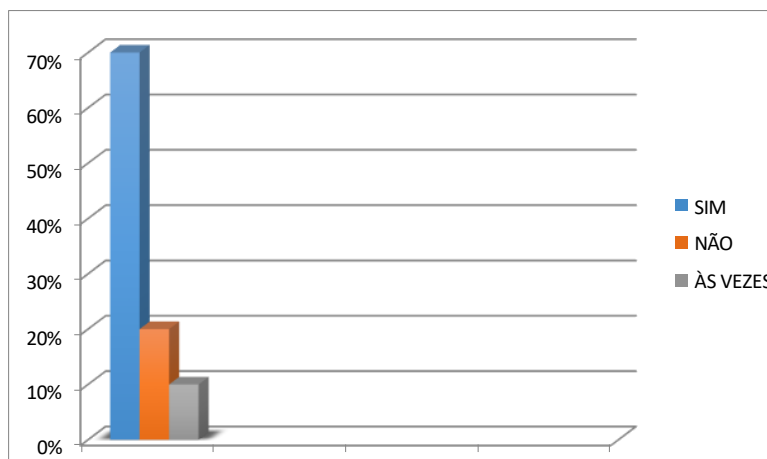
biblioteca, 05 banheiros femininos e 05 masculinos para os alunos.

Os dados analisados e apresentados a seguir fazem parte das observações sobre as formas de relação professor - aluno e do questionário aplicado a alunos e professores da escola em estudo.

A presente pesquisa nos direciona o olhar para a gênese do problema, fazendo uma análise não somente dos casos isolados de indisciplina e da constatação da existência desse fenômeno em sala de aula, mas também da influência do meio social e cultural sobre o aluno indisciplinado. A nossa defesa da pertinência e urgência do estudo em apreço se dá em consequência da grande reclamação por parte dos professores sobre o considerável aumento de casos de indisciplina em sala de aula e a não resolução do problema, gerando desse modo desmotivação no docente e interferência no próprio aprendizado do aluno.

Sendo assim para dar início às perguntas feita aos professores entrevistados, pergunta-se nas suas aulas é comum ocorrer a indisciplina por parte do aluno, 70% falaram que sim, pois a bastantes conversas paralelas, falta de atenção a explicação entre outros, 20% responderam que às vezes acontece que o aluno fique indisciplinado, mas que dar para controlar e 10% dos professores falaram que não, pois tem domínio nas suas aulas.

Gráfico 01: Opinião dos professores sobre indisciplina em suas aulas.



Fonte: Dados do estudo, 2025.

Antes essas afirmações concordam-se que “cada professor tem uma visão diferente do que seja a indisciplina. Para alguns, um caderno descuidado já é uma manifestação de indisciplina; para outros apenas o silêncio total na sala de aula é sinal de disciplina” (Parrat-Dayan, 2012, p. 10).

No nosso caso as respostas que obtivemos nos apontam para a dialética do termo indisciplina, tendo em vista as diferentes posições dos entrevistados. Nas palavras de Antunes (2002, p. 9) uma classe indisciplinada é toda aquela que:

Não permita aos professores oportunidades plenas para o desenvolvimento de seu processo de ajuda na construção do conhecimento do aluno; não ofereça condições para que os professores possam “acordar” com os seus alunos sua potencialidade como elemento de auto-realização, preparação para o trabalho e exercício consciente da cidadania; não permita um consciente trabalho de estímulo às habilidades operatórias ao desenvolvimento de uma aprendizagem significativa e vivências geradoras da formação de atitudes socialmente aceitas em seus alunos.

Diante dos diversos posicionamentos até aqui discorridos sobre as (in) definições de indisciplina, concordamos que como toda criação cultural, o conceito de indisciplina não é estático, nem uniforme, nem universal. A indisciplina relaciona-se com um conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre culturas diferentes, nas diferentes classes sociais.

Muitos professores ainda possuem o pensamento de que somente ele possui conhecimentos, e por isso os alunos devem fazer tudo o que o professor exigir. Há professores que em sua prática pedagógica ainda objetivam manter os alunos praticamente todo o período da aula calados, sem poder conversar com os colegas ou expressar-se em suas inquietações, somente ouvindo o mestre.

Porém, vivemos hoje em uma sociedade que não necessita mais de um sujeito reto, parado, controlado, assentado em um determinado lugar, apegado a determinadas relações sociais e afetiva, estável, previsível... Mas sim, de um sujeito flexível, criativo, múltiplo e ágil, que alargue ao máximo possível suas possibilidades afetivas, cognitivas e executivas. (Justo, 2010).

A educação é que está prestigiada, assumindo funções e responsabilidades cada vez maiores, tornando-se a grande instituição social; porém, [...] ela não consegue dar conta das demandas da contemporaneidade e nem possui os instrumentos necessários para isso. Ela acolhe as subjetividades deste tempo e possui uma estrutura organizacional de outro tempo bem distinto (Justo, 2010, p. 42).

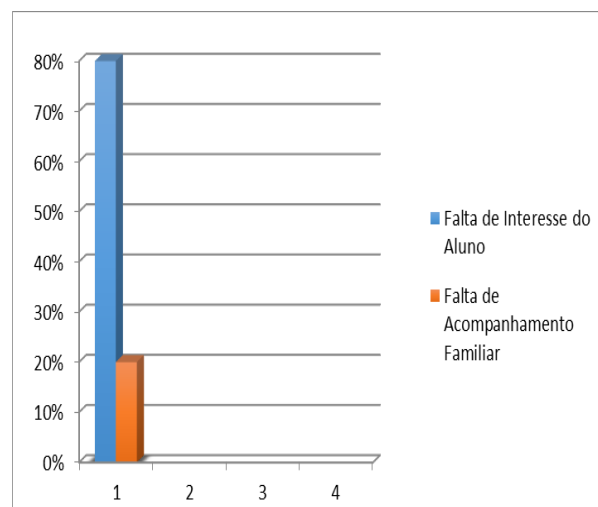
É evidente que os alunos não possuem mais uma posição de suposta inferioridade diante do professor, o discente é ativo, tem direito e desejo de expressão, de participar ativamente da formulação das regras e normas escolares. Mas, muitas instituições ainda organizam seu ensino de maneira tradicional, com práticas pedagógicas defasadas que não correspondem às novas demandas educacionais exigidas neste tempo histórico, sofrendo com

isso, de uma atemporalidade estrutural, que ataca, sobretudo, sua dinâmica disciplinar que foi, outrora, o modelo de gestão de poder predominante na sociedade.

Ao analisar o Gráfico 02, que apresenta as principais causas da indisciplina, constatou-se que 80% dos professores atribuem esse comportamento à falta de interesse dos alunos, evidenciando um cenário de desmotivação quanto ao compromisso com os estudos. Os docentes ressaltam que muitos estudantes demonstram pouca disposição para participar das atividades escolares, o que compromete o desenvolvimento das aulas.

Por outro lado, 20% dos professores apontam a falta de acompanhamento familiar como um fator decisivo para o surgimento da indisciplina. Segundo eles, quando a família não participa do processo educativo, torna-se mais difícil criar condições para uma aprendizagem mais atrativa, significativa e motivadora, o que contribui para o aumento de comportamentos inadequados em sala de aula.

Gráfico 02: Maiores causas de indisciplina na sala de aula.



Fonte: Dados do estudo, 2025.

Na escola, portanto, o professor, a exemplo do analista, pode despertar sentimentos no aluno para além do que ele próprio tem acesso conscientemente (Santos, 2010). Tanto aluno como professor recordam o conteúdo transmitido no ambiente escolar de acordo com suas marcas subjetivas (Godoy, et.al., 2006).

Os fatores que levam à motivação do professor referem-se ao desenvolvimento dos alunos, à vontade de ajudar o aluno, o contato que se tem com o educando, a valorização, os desafios de se ensinar que, mesmo com dificuldades, consegue-se resultados positivos. O que ficou evidenciado foi que, as professoras têm prazer no que fazem e a consciência de que

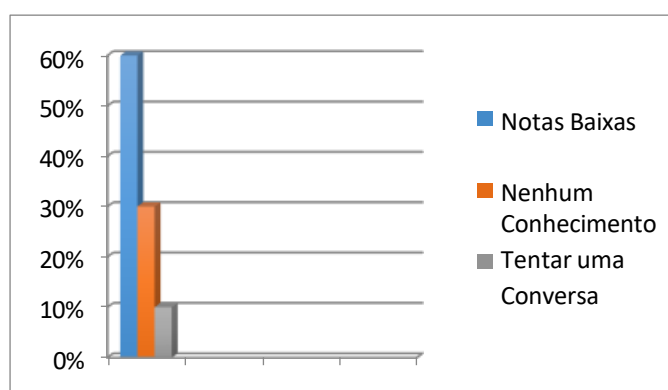
o fato de ensinar tem sua importância e necessidade para os alunos.

Como na pesquisa de Oliveira (2009), observou-se que a satisfação está associada ao gostar do que faz, por gostar de crianças e ver o retorno do trabalho do professor. Outro ponto em comum refere-se aos fatores associados à insatisfação descritos como má remuneração, desvalorização e a falta de respeito por parte do governo. Um elemento não foi citado pelo grupo estudado, como fonte de satisfação, as férias, como citada na pesquisa de Moreira (2005), mas elementos como status e estabilidade no emprego apareceram tanto nessa pesquisa como na de Moreira.

Em sua pesquisa, Moreira (2005) citou que a falta de interesse dos alunos e a indisciplina aparecem como insatisfação por parte dos professores, como também pode ser verificada na presente pesquisa. O salário é citado nas três pesquisas como fonte de insatisfação por parte dos professores efetivos.

Para responder a pergunta de número 03, que fala sobre o que acontece com os alunos indisciplinados na escola, 60% dos professores falaram a respeito dos alunos tirarem notas baixas, 30% dos professores falaram que o aluno não adquire nenhum conhecimento, além de atrapalhar o processo de formação dos outros e 10% dos professores tentam conversas com os alunos, fazendo com que eles mudem, porque muitas vezes os gestores são omissos.

Gráfico 03: O que acontece com os alunos indisciplinados na escola



Fonte: Dados do estudo, 2025.

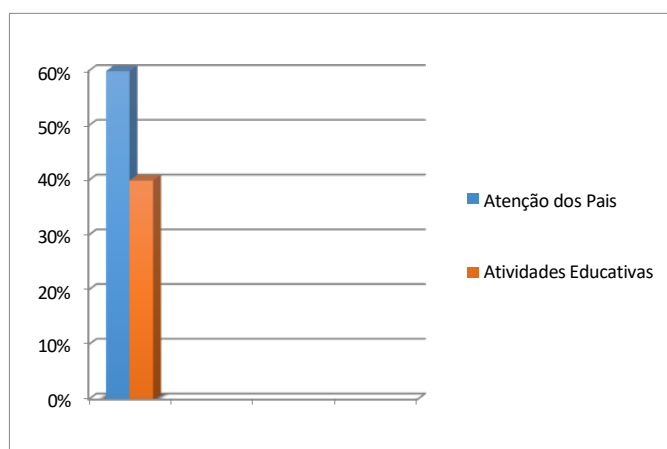
A partir dos pontos analisados, têm-se elementos para engendrar uma discussão acerca do que possivelmente fundamenta as ações dos professores sobre a indisciplina que, de alguma forma, se encaixam no conceito aqui descrito de perversão narcísica. Conforme a proposta do artigo, a base de análise são os comportamentos dos professores em sala de aula que podem ser considerados agressivos ao psiquismo dos alunos, comportamentos esses

tratados aqui por assédio moral.

Assim, observa-se que a situação de sala de aula coloca o professor em um lugar tal que favorece que esse assume o papel de castrador outrora almejado e dê vazão a sua pulsão sádica. É como se as relações que se estabelecem dentro da sala de aula oferecessem ao professor a oportunidade de ser esse castrador, de representar enfim a Lei, e quando esse agarra a chance, ele usa do lugar que ocupa para satisfazer sua pulsão. Nessa situação, na qual o professor manipula de forma sádica seus alunos, fica claro que esses últimos não representam senão objetos parciais para o professor, visto que são usados como um meio de alcançar a satisfação almejada.

A pergunta de número 04, diz respeito a como o professor poderia resolver o problema da indiscipline, 60% dos entrevistados indagaram a maior atenção dos pais para com os filhos, pois a disciplina em casa é muito importante para o desempenho do filho na escola e 40% indagaram que só mantendo-os com atividades educativas que chamem atenção, e motivando-os a comporta-se de maneira respeitosa.

Gráfico 04: Como resolver o problema da indisciplina.



Fonte: Dados do estudo, 2025.

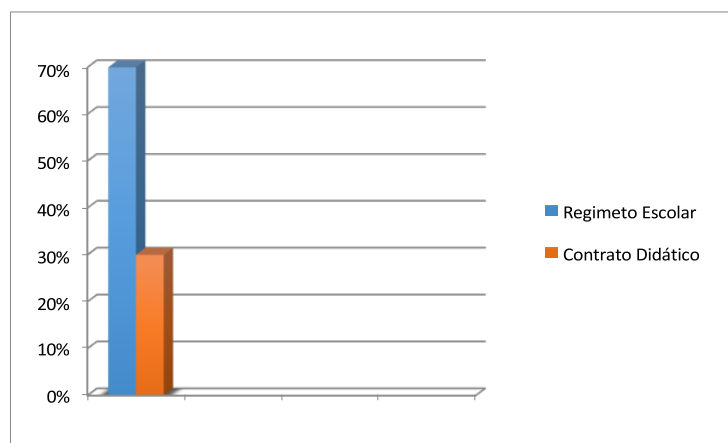
Considerando essas formas de relação e todas as suas implicações, torna-se interessante pensar por um breve momento no lugar do aluno nesse mesmo contexto. Na lógica que se segue, é possível afirmar que para ele, a situação de sala de aula também tende a reavivar os conflitos edipianos, nesse caso, há pouco deixados para trás.

Nos depoimentos dos professores fica implícito que a criança indisciplinada pode ser assim, apenas pelo motivo das regras que lhe são impostas e não necessariamente por uma conduta desviante, ou intencionalmente praticada.

A própria regra pode despertar na criança um sentimento de aversão por ninguém ouvir sua posição aquilo que estar imposto a ela, principalmente quando esta se encontra em sala de aula sob o método autoritário. Em acordo com Parrat-dayan (2012), podemos considerar defeituoso um sistema educacional fundado na coação, pois claramente se percebe a resistência de algumas crianças ao método autoritário usando de esperteza para escapar à disciplina.

Pergunta-se aos professores como são construídas as regras na escola e na sala de aula, 70% falaram que na escola é através do regimento escolar, mas não são obedecidos, pois segundo opinião dos professores os alunos são bastante autoritários e não acabam obedecendo às mesmas e 30% falaram que na sala de aula quem ditam as regras é o professor, através de um contrato didático, muitas vezes citado pelos próprios professores.

Gráfico 05: Como são construídas as regras na escola e na sala de aula



Fonte: Dados do estudo, 2025.

Atos indisciplinares sem dúvida geram inúmeras consequências em todo o contexto escolar, dentre estas, destaca-se a perda de tempo. Há professores que perdem muito tempo de sua aula tentando acomodar seus alunos, conseguindo a atenção desejada para explicar o conteúdo e realizar as atividades. Tempo este que poderia ser utilizado para o desenvolvimento de conteúdos e aprendizagens. Além disso, quando um grupo de alunos não está colaborando, sem dúvida o restante da turma também acaba por sofrer com isso.

Enquanto uns acatam a disciplina e outros resistem a ela, o professor fica em meio a esta situação e seu trabalho acaba não sendo eficaz.

Como refere Oliveira, a indisciplina é um dos fatores que tem gerado mais desgaste na rotina do professor, atos indisciplinares comprometem o seu estado emocional, gerando

sentimento de frustração, tensão, desânimo e baixa autoestima.

Há professores que depois de um dia de trabalho pensam em desistir de sua profissão devido a esta situação, sofrendo em uma dimensão física, psíquica e moral (Pimenta e Louzada, 2004).

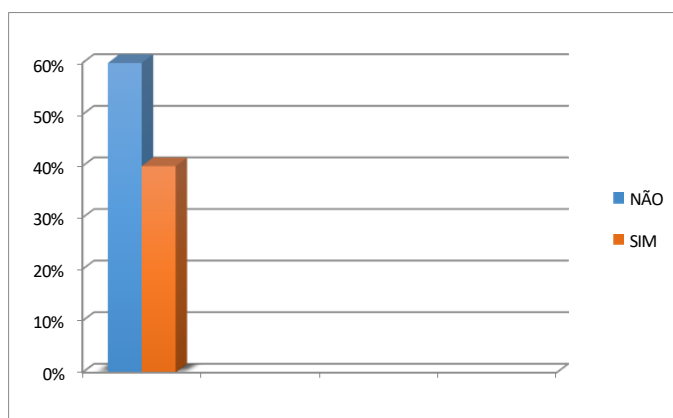
Todavia na rotina escolar o professor nem sempre consegue converter aquela energia excessiva do aluno em vantagem em razão da possibilidade de uma sala de aula as vezes assemelhar-se ao caos do trânsito nas ruas e estradas. Cada motorista deseja que os outros admirem seu carro, mas não aceita que julguem sua maneira de guiar, cada vez mais desregrada. Cada aluno quer ser admirado pessoalmente, mas não concebe que alguém possa condenar seus comportamentos sociais.

Ousamos afirmar que o fenômeno da indisciplina é perceptível em todos os setores da sociedade e não apenas na sala de aula, se ela começa ou não na família, lá é possível sua manifestação, na sociedade em geral ela evolui à violência, no contexto escolar em espaços fora de sala de aula, em momentos como num intervalo, na recreação, os alunos podem procurar a diversão justamente naquilo que não é permitido com atos de vandalismos contra o patrimônio público, desse modo cabe-nos a seguir detalhar a manifestação do fenômeno na escola pesquisada, como também suas possíveis causas.

Para concluir pergunta-se aos professores entrevistados se as escolas através de sua forma de organização contribuem para a ocorrência da indiscipline, 60% falaram que não, pois o maior problema da indisciplina na escola é a falta de diálogo entre pais e filhos e 40% falaram que há sim uma contribuição por parte da escola, pois o professor tenta impor limites no aluno, à gestão deixa o aluno a vontade, sendo assim ele sente-se no direito de agir de modo que quiser mas aos poucos a escola começa a repensar nas diversas situações.

Em todos esses depoimentos se verifica que para os pais dos alunos, a aprendizagem, a postura de compreensão do professor perante o aluno e cooperação deste na sala de aula, são de fundamental importância nos processos educativos. E com essas interpretações, como também a preocupação que estes apresentaram na relação entre alunos, pais, professores e escola, convergimos às questões de convivência “que extrapolam as relações entre educando e educador. Elas atingem ambientes mais amplos, como a família e a escola” (Werneck, 2010, p. 32).

Gráfico 06: Se as escolas através de sua forma de organização contribuem para a ocorrência da indisciplina



Fonte: Dados do estudo, 2025.

A sociedade não está como antes, a estrutura familiar mudou, as crianças já tem acesso a informações que num passado não muito distante não tinham. Assim a escola não avançando nesse entendimento, estando presa aos costumes e tradições passadas pode enfim se tornar um agente causador da indisciplina. Respectivamente Aquino (1996, p. 45) expõe:

Quais significados, então, poderíamos subtrair dos fenômenos que rondam esta nova escola, incluída aí a indisciplina? Ela pode estar indicando o impacto do ingresso de um novo sujeito histórico, com outras demandas e valores, numa ordem arcaica e despreparada para absorvê-lo plenamente. Nesse sentido, a gênese da indisciplina não residiria na figura do aluno, mas na rejeição operada por esta escola incapaz de administrar as novas formas de existência social concreta, personificadas nas transformações do perfil de sua clientela.

Desse modo com base no aludido autor elencamos também a própria escola como possível causa da indisciplina infantil. Analisamos que a família por meio da maneira como vê a escola, bom professor e o exemplar aluno, pode também sinalizar sua intervenção e acompanhamento na vida escolar do filho. Consideramos ainda a maneira como o professor combate o fenômeno para apreendermos a possibilidade de incitar ainda mais a indisciplina infantil. Assim percebemos que as causas da indisciplina são múltiplas e muitas vezes elas estão mais nos contextos que a produzem do que no indivíduo.

Conclusão

Tentou-se com este trabalho, aprofundar o estudo da problemática indisciplinar em sala de aula, em virtude de ser este um dos maiores problemas do professor, talvez até que seus baixos salários, falta de interesse dos alunos e a falta de apoio das famílias.

Seu primordial objetivo é mostrar ao profissional da educação que toda indisciplina tem uma causa, e a solução está mais na escola e no professor que no próprio aluno. Partindo da leitura de várias obras, de renomados autores, estudiosos do problema, procurou-se compilar, mas nesta obra, não só as causas e efeitos da disciplina escolar, mas as ações que deverão ser envolvidas pela escola, professor, família e sociedade, para que a formação do homem como pessoa, profissional e cidadão, seja atingida e que a escola realmente exerça sua verdadeira função social.

A escola precisa explicar a sua proposta pedagógica, onde contenha a sua função social, o seu verdadeiro sentido, já que o homem é um ser teológico, precisa de objetivos para direcionar suas energias, seus esforços, como seres humanos, alunos e professores precisam conhecer a proposta educacional da unidade da qual fazem parte, para que possam amá-la como merece, se integrando a todas as suas ações. É o professor que precisa receber boa formação pedagógica; é a escola que precisa ter cara própria; é a família que precisa se conscientizar de sua importância no sucesso do aluno na escola, e a sociedade que deve se preocupar com a educação e ser parceira da instituição escolar, colaborando para que a escola atinja seus objetivos.

Para se alcançar à disciplina também é fundamental que se tenha objetivos comuns, buscando a integração de toda a comunidade escolar, num processo coletivo. É necessário que a escola tenha sabor para o aluno. Que nela o aluno encontre resposta para seus ideais, que tenha sentido para o educador. Em síntese, que seja a escada para ele progredir como pessoa, como cidadão.

O aluno pode colaborar para construção da disciplina, através de uma participação consciente e interativa em sala de aula, na aprendizagem do respeito ao professor, aos colegas, aos funcionários, as normas estabelecidas coletivamente e no material escolar. Estudo da psicologia revela que o respeito para consigo mesmo, a formação da cidadania só pode se dar através de exercícios dos direitos e dos deveres. Todos nós temos direitos e deveres e precisamos cumpri-los.

O aluno terá comportamento ideal quando passar a sentir que ele é importante e que

a escola existe para ele, e com ele se preocupa. A verdadeira disciplina, ou seja, a disciplina que desejamos, não pode ser nenhum dos dois extremos que ocupam a maioria dos professores. Nem autoritária, nem espontaneísta. Precisa-se de uma nova disciplina, onde o objetivo principal seja uma aprendizagem crítica, criativa e duradoura, marcada pela participação, respeito, responsabilidade, conhecimento e formação do caráter, tendo como fruto principal, o cidadão pleno.

A análise obtida a partir da entrevista realizada na escola de estudo, consistiu o embasamento para nos posicionarmos diante das questões de indisciplina. Outro aspecto observado na escola investigada se refere a necessidade de maior trabalho integrado e constante entre a escola e família não apenas no momento em que há algum problema com o aluno, pois desta forma a relação apenas se desgasta e não é possível encontrar soluções para as dificuldades, mas que a escola possa contar com a família como efetiva parceria em todos os momentos. O trabalho de pesquisa realizado pretende servi de base para a organização de atividade de orientação e investigação na realidade da escola pesquisada.

Analizou-se que o comportamento apresentado pelo aluno (não é aquele que o professor deseja), é uma consequência de causas que estão na escola, no professor, na família e na sociedade e em pequena proporção no aluno, que é mais vítima que causa.

É necessário que o professor compreenda sua verdadeira missão para atingir um trabalho educativo satisfatório, visto que ele é o personagem principal na tarefa de educar, o indicador do processo, o incentivador do aluno, e o conscientizado da família. Por isso é necessário que o educador saiba conduzir o processo de construção da disciplina ideal, envolvendo o aluno, a escola, a família e sociedade tendo em vista ser um trabalho coletivo.

Referências

ANTUNES, Celso. **Professor Bonzinho = Aluno Difícil**: A Questão da Indisciplina em Sala de aula. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

AQUINO, J. G. **A desordem da relação professor-aluno**: indisciplina, moralidade e conhecimento. In: ____ (org) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. 8ª ed. São paulo: Summus, p.39-55, 1996.

AQUINO, Julio G. **Indisciplina na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1996.

CARVALHO, J. S. F. Os sentidos da (in)disciplina: regras e métodos como práticas sociais. Em J. G. Aquino (Org.), **Indisciplina na escola/Alternativas teóricas e práticas** (pp. 129-

138). São Paulo: Summus, 1996.

CURWIN, R. L.; MENDLER, A. N. **La disciplina en clase: guía para la organización de la escuela y el aula**. Madrid: Narcea, 1983.

D' ANTOLA, Arlete. **Disciplina nas escolas: Autoridades Versus Autoritarismo**. São Paulo: EPU, 2001.

DRUCKET, Peter. **A Arte de Administrar Total**, São Paulo 2000.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder – Introdução à Pedagogia do Conflito**. 4ª edição. São Paulo, 2002.

GARCIA, J. **Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola**. Educação Temática Digital, v. 8, n. 1, p. 124-132, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, C. et al. **A (in) disciplina escolar nas perspectivas de Piaget, Winnicott e Vygotsky**. Revista Psicopedagogia. [on-line]. Edição 23. São Paulo, 2006.

JUSTO, José. **Educação e sociedade contemporânea**. São Paulo: Cortez, 2010.

LA TAILLE, Y. de. A indisciplina e o sentimento de vergonha. In: AQUINO, J. G. (Org.). *Indisciplina na Escola*. São Paulo: Ed Summus. 1996. p. 9 -23.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ILLICH, Ivan. **No espelho do passado: palestras e discursos, 1978–1990**, 1989. Tradução de Neto Leão e Nilo Coradini de Freitas. São Paulo: N-1 Edições, 2024.

MORAES, Regis de. **Sala de aula: que espaço é esse?** São Paulo: Cortez, 2000.

MOREIRA, A. Z. M. Um espaço pioneiro de modernidade educacional: Grupo Escolar “Augusto Severo” (**Dissertação de Mestrado**). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

OLIVEIRA, Rosimary L.G. Reflexões sobre a indisciplina escolar a partir de sua diversidade conceitual. **Anais**. IX Congresso Nacional de Educação – Educere. PUCPR, 26 a 29 out. 2009.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. Trad. Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal – São Paulo: Contexto, 2012.

PIMENTA, Kedna Gomes, LOUZADA, Shênia Soraya Soares. **A indisciplina na percepção de educadores e algumas possibilidades**. 2004.

SANTOS, Vivaldo Chagas dos. **Os desafios da gestão escolar**. 2010.

VASCONCELOS, C.S. **Disciplina:** Construção da Disciplina consciente e interativa na sala de aula. São Paulo: Libertad, 2004.

VASCONCELOS, Celso dos S. **Disciplina: Construção da Disciplina Consciente e Interativa em Sala de Aula e na Escola.** São Paulo. Libertad, 1995.

WERNECK, Hamilton. **A indisciplina tem jeito:** pulso forte e coração que ama. 2. ed. Petrópolis, RJ: 2010.



Received on October 20, 2025

Accepted on November 06, 2025

Published on November 30, 2025